



Sempre este homem fatal: Otto Lara Resende, personagem de Nelson Rodrigues

Always Writing About this Fatal Man: Otto Lara Resende, a Nelson Rodrigues's Character

Adriano de Paula Rabelo

Universidade Federal de Kazan (UFK), Kazan, Tartaristão/Rússia

apabelo@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2747-6186>

Resumo: Nelson Rodrigues é conhecido por ser um escritor obsessivo, reiterando muitas vezes certos temas, certos procedimentos, certos personagens. Uma de suas maiores obsessões foi seu amigo Otto Lara Resende, inúmeras vezes retratado em seus trabalhos. Este artigo analisa como o escritor mineiro é apresentado nas obras de Nelson, que estratégias são utilizadas para isso e a que serve tratar constantemente da personalidade de Otto em textos nos quais ele surge meio abruptamente em meio a outros personagens, interagindo com eles com a máxima naturalidade, ou em que é citado como protagonista de histórias exemplares ou emissor de frases marcadas por extraordinário brilhantismo verbal.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues; Otto Lara Resende; obsessão; ficção e realidade.

Abstract: Nelson Rodrigues is well-known for being an obsessive writer, often reiterating subjects, procedures, and characters. One of his strongest and most recurring obsessions was his friend Otto Lara Resende, a writer and journalist who was portrayed many times in his works. This article analyzes how Rodrigues shows Resende in his writings, the strategies used in order to do that and what purpose he has in mind when he constantly explores aspects of Resende's personality in the midst of other characters, naturally interacting with them, or when Rodrigues tells stories in which Resende is the protagonist or he is the author of phrases that are expression of an extraordinary verbal talent.

Keywords: Nelson Rodrigues; Otto Lara Resende; obsession; fiction and reality.

Uma das estratégias mais peculiares utilizadas por Nelson Rodrigues para manter o interesse do leitor de seus livros ou o espectador de suas peças teatrais – na maioria das vezes com o fim de provocar um efeito cômico – é colocar alguns de seus amigos escritores e jornalistas, em geral de chofre, em pleno mundo ficcional, interagindo com seus personagens. Outras vezes eles não aparecem diretamente em cena, mas têm suas ações e pensamentos discutidos, exaltados, criticados pelos personagens ficcionais. Em geral seus amigos eram apresentados de maneira muito simpática, como se eles recebessem uma homenagem, tanto que alguns dos mais assíduos nessas aparições nos enredos de Nelson adoravam surgir entre seus personagens, chegando mesmo a pedir-lhe que os colocassem em suas obras. Algumas vezes, porém, o escritor costumava espicaçar seus desafetos no mundo literário do Rio de Janeiro, colocando nomes como Drummond, Sabino ou Olegário em personagens monstruosos. Outras vezes ainda, punha críticas que eram suas em bocas de personagens que, do nada, surgiam em cena falando mal de intelectuais em evidência no momento, como Guimarães Rosa, Alceu Amoroso Lima, Gilberto Amado ou Gustavo Corção.

Há, no entanto, uma figura quase onipresente na obra de Nelson Rodrigues, seja em seus textos ficcionais, seja em suas crônicas ensaísticas, a ponto de ter se tornado título de uma de suas peças teatrais: Otto Lara Resende. Nelson abusou de seu nome de tal forma que muita gente achava que Otto não existia, que era uma criação ficcional de Nelson Rodrigues. Em parte, isso não deixava de ser verdade.

1 Nelson Rodrigues e Otto Lara Resende

Nelson Rodrigues e Otto Lara Resende se conheceram na redação do jornal *O Globo*, nos anos 1950. Desde então desenvolveram uma curiosa amizade, pois eram sujeitos muito diferentes um do outro. O que Nelson tinha de transbordante, debochado, instintivo, provocador, Otto tinha de contido, discreto, racional, burilador. Ambos tinham em comum, no entanto, uma valorização das experiências do passado, a ponto de, em suas brincadeiras e provocações de amigos, Otto apelidar Nelson de “Idade Média”, e Nelson chamar Otto de “Século XIX” (RODRIGUES, 1995a, p. 148-151). Em outra crônica do mesmo livro, o próprio Nelson chega a interpretar o segredo de sua amizade com Otto, que seria sustentada numa espécie de ignorância intuitiva, mas sempre certa, que marcava suas duas personalidades:

O curioso é que o mistério de nossa amizade repousa em uma série de coincidências. Senão vejamos: – ele não entende nada de pintura, nem eu; eu não entendo de música, nem ele. De futebol, a mesma coisa. E porque não entendemos nada de futebol, Deus nos fez o favor de confirmar todas as nossas intuições, palpites, vaticínios. (RODRIGUES, 1995a, p. 293)

Benício Medeiros, num perfil biográfico de Otto Lara Resende, detém-se em reflexões sobre essa amizade e as duas *personas* do escritor mineiro:

Talvez os dois se admirassem porque, em certa medida, se complementavam. Refletiria a obra do grande dramaturgo um outro lado de Otto que permaneceu oculto. Nelson lançou holofotes sobre a penumbra, traduziu-a de uma forma que muitas vezes se confundia com a vulgaridade total. Otto não acendia as luzes, no máximo acendia uma vela benta. Sofria no escuro. “É preciso não entrar na intimidade abjeta do homem. É preciso não fazer da literatura uma sarjeta, engrossar a abjeção humana”. Era esse o seu conselho. [...] Muito do personagem Otto Lara Resende é fruto da decantada obsessão rodrigueana. Se o transformar-se em personagem pode significar para muitos honraria ou reconhecimento, no caso de Otto algumas vezes não combinou com o seu temperamento, mais voltado ao recato e à discricção. Na verdade, a esfuziante personalidade do escritor produziu dois tipos distintos de personagens – o Otto de carne e osso porém algo mítico, que os amigos, por pura simpatia, gostavam de citar no meio de uma conversa animada (inclusive atribuindo-lhe feitos e ditos nunca afinal comprovados), e o Otto ficcional – este uma criação exclusiva de Nelson Rodrigues. (MEDEIROS, 1998, p. 85-86)

Aí está o ponto: Otto Lara Resende, tal como aparece nas obras de Nelson Rodrigues, era, de fato, um personagem, um tipo diferente do homem da vida real, como o próprio Nelson (1996, p. 17) reconhece: “Tudo na personalidade de Otto é um convite à ficção. Ele pertence menos à vida real e muito mais ao romance, à poesia, ao puro e irresponsável folclore”. Ou ainda: “o que nós chamamos ‘Otto’ ou, por inteiro, ‘Otto Lara Resende’ é um cenário, uma convivência, um certo elenco de vizinhos, amigos, conhecidos e, mesmo, credores” (RODRIGUES, 1996, p. 82).

Frequentemente apresentado com “fundas e negras olheiras (tão negras que pareciam feitas de rolha queimada)” (RODRIGUES, 1996, p. 283), o Otto ficcional é um recurso expressivo de que Nelson

Rodrigues lançava mão para escrever seus textos, quase sempre com a intenção de produzir efeitos humorísticos. Em linhas gerais, esse Otto é uma espécie de gênio da raça, um iluminado a quem frequentemente as inteligências comuns recorrem para aconselhamentos sobre seus problemas, um escritor de talento invulgar que desperdiça seus dotes em textos jornalísticos precípeis de um dia para o outro, um frasista incomparável cujas sentenças que solta mesmo em conversas informais têm um valor comparável ao dos maiores clássicos da literatura brasileira, um piadista de humor irresistível cujas anedotas reverberam por todos os recantos do país. O intelecto notável, a argúcia de pensamento, os méritos excepcionais do Otto ficcional, pelo exagero com que são apresentados, descambam sempre para o cômico, mesmo quando evocados em meio a situações tenebrosas, de forte teor trágico.

Com seu temperamento reservado de mineiro típico, o Otto Lara Resende de carne e osso, ao contrário dos outros amigos que Nelson colocava em sua ficção e em suas crônicas, não gostava de aparecer nesses textos. Carlos Drummond de Andrade teria uma vez dito a Otto que Nelson ridicularizava-o quando o expunha daquela maneira. Tanto que, em 1962, quando estreou a peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*, o escritor mineiro ficou muito irritado com o dramaturgo, a ponto de recusar-se a comparecer ao teatro, mesmo com Nelson mobilizando vários amigos para que ele fosse convencido a ir ver um espetáculo em que seu nome, além de título da peça, era citado 47 vezes pelos atores no desenvolvimento de uma trama delirante que girava em torno de uma suposta frase sua.

Durante uma famosa entrevista exibida pela TV Globo em 1977, Otto Lara Resende perguntou a Nelson Rodrigues o porquê de sua obsessão por alguns de seus amigos, muito especialmente por ele mesmo, Otto. Ao que Nelson respondeu: “Eu sou amigo do Otto. Como amigo do Otto, quero tratá-lo sempre de uma maneira pessoal, com a ternura que ele merece. Mas amigos de Otto o perseguem e dizem que eu o levo ao ridículo”.

Com o passar do tempo, Otto Lara Resende passou a ser mais condescendente com as “homenagens” que recebia de Nelson Rodrigues. Tanto que, numa crônica de 1991, pouco mais de um ano antes de sua morte, ele conta sobre as sensações e as reminiscências que teve ao entrar incógnito no teatro Gláucio Gil, no Rio de Janeiro, para assistir a uma montagem da peça que leva seu nome. Ao fim do espetáculo, a conclusão bem-humorada: “Eu saí como se tivessem me pregado um rabo de papel...” (RESENDE, 1993, p. 110).

2 Um personagem de Nelson Rodrigues

O Otto Lara Resende ficcional criado por Nelson Rodrigues, como se viu, é uma figura genial a desperdiçar talento e inteligência na conversa fiada, no texto jornalístico de interesse efêmero, na frase lapidar que diz muito em poucas palavras. Em textos ficcionais de Nelson, é comum que personagens ou narrador exaltem Otto Lara Resende; e nas crônicas, o próprio autor faz isso com muita frequência. Ele mesmo constata, na crônica intitulada “O homem fatal” (RODRIGUES, 1999c, p. 235): “Houve um tempo em que o Otto Lara Resende estava em todas as minhas crônicas. Aliás, esta é uma das fatalidades da vida literária. Cada autor precisa ter uns personagens obsessivos, obrigatórios”. No conto “Pouco amor não é amor” (RODRIGUES, 1999b, p. 252), após ser apresentado ao pai da namorada, o advogado Balbino comenta sobre a desqualificação dos funcionários da Procuradoria do Estado, ao que o velho replica, seguido pelo esclarecimento do narrador: “Você conhece o Otto Lara Resende? É uma mentalidade! E brilhante!/ Balbino, grave, admitiu uma exceção para o Otto, que, segundo concordou, falava bem ‘pra burro’”.

O brilhantismo do Otto Lara Resende ficcional contrapunha-se à obtusidade e à alienação de outro personagem recorrente nos trabalhos de Nelson Rodrigues, o especialista, que se encarnava em figuras como o psicanalista, o sociólogo, o médico, o professor, o crítico de arte, apresentados sempre como tipos. Na crônica “Os inimigos do óbvio”, Nelson trata dessas figuras, sempre muito frequentes no programa televisivo de entrevistas conduzidos por Otto Lara nos anos 1960, contrastando-as com a sagacidade do anfitrião:

Os sociólogos do Otto, os psicólogos do Otto, os educadores do Otto, os professores do Otto ainda não chegaram ao ser humano e o ignoram com uma crassa e bovina teimosia. É preciso que alguém lhes escreva uma carta anônima, com o furo sensacional: – “O homem existe! O homem existe!”. E vai ser um susto, um pânico, um horror, quando os citados especialistas perceberem que a besta humana está inserida na nossa paisagem. (RODRIGUES, 1999d, p. 126)

Otto era, sem dúvida, o personagem pelo qual Nelson tinha maior obsessão. Em seus textos, o brilhantismo do escritor mineiro se mostra basicamente de duas formas: por meio de histórias exemplares, que são pretexto para exibir a genialidade de Otto ou ilustrar alguma reflexão

desenvolvida por Nelson; ou de frases ditas ou escritas por Otto, ou atribuídas a ele por Nelson, que exercem as mesmas funções.

Histórias exemplares

As histórias envolvendo Otto Lara Resende, tal como imaginadas por Nelson Rodrigues em sua ficção ou contadas por ele em suas crônicas, funcionam como parábolas, pelo caráter exemplar que geralmente apresentam ou ilustravam uma ideia desenvolvida por Nelson Rodrigues, que utiliza tais histórias de forma semelhante ao que Michel de Montaigne faz em seus *Ensaio*s, ao dar suporte a seus pensamentos contando histórias envolvendo figuras da antiguidade clássica. Além disso, atuando no jornalismo e tendo de escrever todos os dias, era comum que vez ou outra Nelson se visse diante da falta de assunto. Quando isso acontecia, a solução do cronista era infalível: escrever sobre Otto, uma fonte inesgotável de histórias exemplares, de frases de impacto, além de ponto de partida ou de chegada para reflexões sobre a realidade brasileira. A obsessão de Nelson havia inclusive contagiado seus leitores, que já liam seus textos esperando que ele tratasse de Otto Lara Resende. Numa crônica futebolística intitulada “Um Fluminense tão Flaubert”, Nelson expõe sua estratégia de quem tem de escrever todo dia:

Se eu pudesse, escreveria todo santo dia sobre o Otto. [...] Faz-me falta não citá-lo nas minhas crônicas. Sinto-me um frustrado e um vencido quando não uso o seu nome uma única e escassa vez. E o interessante é que também o leitor está viciado em Otto e tem saudades dos seus feitos, da sua figura, das suas piadas. (RODRIGUES, 1999d, p. 100)

Na crônica, “Jornalista não paga” (RODRIGUES, 1996, p. 40), escrita no começo de 1964, Nelson Rodrigues conta ter sido parado por um desconhecido, no centro do Rio de Janeiro, depois de algumas semanas sem escrever sobre Otto Lara Resende. O sujeito fez-lhe, então, um apelo: “Fala do Otto! Você nunca mais falou do Otto!”.

No conto “Covardia”, dr. Eustáquio, um importuno, casualmente encontra na rua Rosinha, que ia ao encontro do amante. Ele inicia, então, uma conversa estapafúrdia sobre escritores contemporâneos. Até arrematar com o seguinte comentário: “Lá na procuradoria, temos um talento: – o Otto Lara Resende” (RODRIGUES, 1999a, p. 20).

Situação semelhante é vivida por dr. Odorico e Engraçadinha, no folhetim *Asfalto selvagem*. Em vários de seus encontros, ele não perde a oportunidade de exaltar as qualidades de Otto Lara Resende. Em diversas ocasiões encontra-se pessoalmente com o próprio, ficando sempre extasiado com a inteligência do escritor. Depois de um desses encontros, dr. Odorico, “pálido de admiração”, comenta: “Ah, se eu tivesse esse brilho, não precisava geladeira, não precisava conversão” (RODRIGUES, 1994, p. 333). A geladeira, dada de presente, e a conversão ao protestantismo mencionadas foram estratégias para seduzir a moça. Tudo o que dr. Odorico faz, qualquer decisão que toma ou deixa de tomar, pensa sempre em qual seria a opinião de Otto.

O perfeccionismo exacerbado de Otto Lara Resende é ilustrado no conto “A barca dos homens”, publicado em 1961 na coluna “A vida como ela é...”. Nele, um homem enfrentava o dilema de amar igualmente duas irmãs, sendo obrigado pelo pai das moças a se decidir por uma delas. Sem saber como agir, sai à procura de Otto, para um aconselhamento sobre o que fazer. Demorando a encontrar o grande sábio, o apaixonado já estava disposto a fazer a escolha da noiva pelo processo do par ou ímpar, quando por fim encontra o jornalista Cláudio Mello e Souza, que vinha justamente da casa de Otto. Cláudio conta-lhe, então, que o escritor estava, naquele momento, rasgando uma enorme papelada, destroçando os próprios originais. Mas qual seria a razão desse gesto tresloucado? É que Otto havia lido *A barca dos homens*, romance que Autran Dourado havia acabado de lançar. Conforme Cláudio de Mello e Souza, Otto ficara tão impressionado com a beleza da obra do também mineiro Autran Dourado que resolveu renunciar à literatura para sempre.

Embora erudito e racional, o Otto Lara Resende apresentado nos textos de Nelson Rodrigues tem rasgos sentimentais que ressaltam sua humanidade, como se mostra na crônica “O medo de parecer idiota” (RODRIGUES, 1999c, p. 115-118). Nela, em véspera de partir para Portugal, onde estava residindo, Otto aconselha o filho pequeno, como regra de ouro para toda a vida, a amar o próximo como a si mesmo. Um pouco mais tarde, conta o episódio a Hélio Pellegrino e se põe a chorar. Então os dois amigos vão para um banheiro e lá se trancam para chorar juntos, numa manifestação suprema de amor e solidariedade entre amigos. Com algumas variantes, essa história é contada várias vezes em outros textos. Em outros momentos, Otto, morando em Portugal por alguns anos, já homem feito e pai de família, é visto atravessando o oceano com a única finalidade de ir a Minas tomar a bênção a seus pais.

Em suas confissões, Nelson não se furta sequer a revelar momentos em que sentiu inveja, muito especialmente em face de figuras exaltadas

pelo amigo. É o que se mostra em várias crônicas do final de 1967, a propósito dos encômios feitos por Otto a Guimarães Rosa, falecido em novembro daquele ano. Em vários textos, Nelson Rodrigues baterá nessa tecla, como em “Reze menos por mim”:

Certa vez, ouvi o Otto Lara Resende dizer, na TV Globo: – “O genial João Guimarães Rosa”. Além de chamá-lo “genial”, ainda lhe punha, por extenso, o nome. Eu estava em casa. Detestei o Otto e pensei, desfeitoado: – “Uma besta esse Otto”. No dia seguinte estava eu dizendo, não sei a quem, que *Grande sertão* tinha muito de gratuito, de incomunicável; e a linguagem do autor, que ninguém entendia, era uma audição para surdos. Fiquei, por uns dias, ressentido com o Otto: – “Nunca me chamou de gênio”, era o meu lamento. (RODRIGUES, 1999c, p. 23)

Figura relacionada nos círculos de poder e prestígio social, bem como nos meios boêmios do Rio de Janeiro dos anos 1960, o Otto Lara Resende ficcional muitas vezes é apresentado como alguém altamente considerado nesses ambientes, como se lê numa passagem jocosa das memórias de Nelson Rodrigues:

O Hélio Pellegrino esteve com o Otto, certa vez, no Bateau. E foi uma testemunha visual e auditiva do seu prestígio na casa. Quando o Otto chega, as paredes se abrem, as cadeiras disputam a sua preferência, os guaraná, as coca-colas e os sanduíches o atropelam. O Hélio estava a seu lado e viu tudo. O Otto passando por entre rapapés e os garçons, reverentes: – “Doutor, doutor!”. (RODRIGUES, 1999e, p. 59)

Conforme Nelson, Otto Lara Resende era dado a extravagâncias nesses lugares, como se mostra na crônica “Cambalhotas do Otto” (1995b, p. 25), em que seu amigo vai ao Antonio’s, um bar frequentado por esquerdistas no fim dos anos 1960, e lá bebe champanhe pelo gargalo da garrafa, conta piadas, faz uma performance com piruetas e cambalhotas... Comportamento um tanto exagerado, se levarmos em conta a contenção mineiro-apolíneo-racionalista do autor de *O braço direito*, mas que fazia algum sentido num ambiente dominado pela chamada “esquerda festiva” que Nelson constantemente criticava, ou seja, uma vertente esquerdista majoritariamente formada por jovens, em grande parte estudantes universitários, mais engajados nas festas derivadas das lutas políticas da época do que nas lutas políticas em si.

Tendo vivido por alguns anos na Europa, que também percorreu em diversas viagens, Otto Lara Resende costuma aparecer nos textos de Nelson comparando aquele continente e as pessoas de lá com o Brasil e

os brasileiros, sempre com saldo positivo para o nosso lado. Ainda nas memórias de Nelson Rodrigues, ao retornar de uma viagem à Noruega, Otto é visto, num almoço entre amigos, a tecer comparações entre as pessoas daquele país e os brasileiros:

Vocês se lembram dos *Sertões*, quando Euclides diz que o sertanejo é, antes de tudo, um forte. Foi mais ou menos assim, com esse tom euclidiano, que o Otto declarou o seguinte: – “O norueguês é um bobo”. Mas não vejam, aí, nenhuma intenção restritiva. Em absoluto. O que ele quis dizer, se bem o entendi, é que falta ao norueguês a luminosidade da molecagem brasileira. Por toda a Escandinávia, não ouviu ele uma única e escassa piada. E como pode um povo viver, e sobreviver, sem piada? [...] O Otto desembarca aqui, finalmente. [...] E como ia dizendo: – o Otto salta e cruza com um vago conhecido. O sujeito abre-lhe os braços, num berro: – “Otto, meu amor!”. Foi um abraço tremendo, de meia hora. [...] O recém-chegado viu, nessa cordialidade ululante, o Brasil. (RODRIGUES, 1999e, p. 235; 237)

A propósito, Otto Lara Resende é frequentemente evocado em crônicas nas quais Nelson interpreta o caráter nacional brasileiro. Numa crônica do início dos anos 1960, intitulada “O cachorro do Otto”, recolhida no volume *O remador de Ben-Hur* (1996, p. 23-25), ele aparece tendo adquirido uma casa nova em local isolado, além de um enorme e amedrontador cachorro para protegê-la. No entanto, na primeira ocasião em que o animal é posto à prova, revela-se tão covarde a ponto de miar para despistar um possível ladrão, depois de ouvir um ruído suspeito. Essa história é contada para mostrar que o cão de Otto era uma alegoria do brasileiro até a final da Copa do Mundo de futebol de 1950, quando, tendo uma equipe melhor, perdemos para o Uruguai, com alguns dos nossos jogadores sendo humilhados pelo capitão adversário, Obdulio Varela. Até então teríamos sido tão pusilânimes como aquele cachorro. Depois daquela experiência traumática, porém, o brasileiro teria aprendido a não se rebaixar diante do estrangeiro, o que já teria resultado na consagração da Seleção Brasileira, campeã em duas outras Copas do Mundo até então.

Contudo, uma humildade idiossincrática parece ser uma característica inalienável do caráter brasileiro, mesmo quando atingimos a consagração, e Otto é tomado como evidência disso:

Por exemplo – o meu amigo Otto Lara Resende. Se a Academia Sueca, por unanimidade ou sem unanimidade, por simples maioria, o preferisse. [...] O Otto prêmio Nobel. Que faria ele? Ou que faria o Jorge Amado? Ou o Erico Verissimo? Eis o que eu e

queria dizer: – qualquer um de nós iria, a nado, buscar o cheque e a medalha. Nem se pense que faríamos tal esforço natatório por imodéstia. Pelo contrário. Nenhuma imodéstia e só humildade. (RODRIGUES, 1995b, p. 20)

De todo modo, o reconhecimento e a ascensão social inflam o ego de qualquer um. Em diversas crônicas do início da década de 1960, quando Otto foi nomeado diretor do Banco Mineiro de Produção, Nelson avalia a atitude do amigo durante a cerimônia de posse, como faz em “O Otto banqueiro”:

O meu amigo corria o risco de ficar solene, hierático. Imaginem, o Otto grave, o Otto estátua de si mesmo, o Otto mumificado. Felizmente não houve nada disso. Quarenta anos de papagaio influem até no nó da gravata. E, na hora de falar, o humor jorrou do Otto como a água jorra dos tritões de chafariz. Era um banqueiro a fazer piadas de bancário. [...] Depois da fala na posse, ele apareceu na TV. E nada como uma nomeação para melhorar o sujeito, até fisicamente. No *video*, o Otto tinha um perfil, um nariz de John Barrymore. (RODRIGUES, 1998, p. 89)

Essa história, que ocupa grande parte de uma crônica de futebol, faz paralelo com a postura do Flamengo, inesperadamente campeão carioca de 1963, ao empatar sem gols com o Fluminense na final. Do mesmo modo, muitas outras histórias envolvendo Otto Lara Resende, além de exaltarem suas extraordinárias qualidades intelectuais, quase sempre servem de sustentação para pontos de vista, posicionamentos políticos e ideias de Nelson Rodrigues. Algumas vezes, Otto era a solução para o cronista na situação de falta de assunto, uma vez que as histórias envolvendo o escritor mineiro, reais ou imaginárias, eram sempre impagáveis, a ponto de o próprio público leitor de Nelson exigir que ele voltasse a escrever sobre Otto sempre que ficava algum tempo sem fazê-lo.

Frases para a eternidade

As frases ditas ou escritas por Otto Lara Resende, tal como apresentadas nas obras de Nelson Rodrigues, também exercem as funções de destacar a sagacidade do escritor mineiro e dar suporte a pensamentos de Nelson. Tanto que algumas dessas frases eram seguramente de autoria de Nelson, atribuídas a Otto. Como sempre, o tratamento das frases e as situações em que elas ocorrem se dão no registro do exagero e do humor.

No folhetim *Asfalto selvagem*, o personagem Carlinhos de Oliveira – outro amigo de Nelson posto em sua ficção – considera que

Otto Lara Resende é “um Rimbaud do bate-papo, um Miguel Ângelo da piada” (RODRIGUES, 1994, p. 298). Na mesma obra, o protagonista, dr. Odorico tinha uma necessidade irrefreável de ir ao escritório da Procuradoria do Estado para conversar com Otto, pois, conforme o narrador: “O diálogo com o escritor mineiro era para ele, se assim posso dizer, um excitante, um afrodisíaco espiritual, de primeira ordem. A inteligência jorrava do Otto Lara assim como a água jorra dos tritões de chafariz” (RODRIGUES, 1994, p. 332). Nessa ocasião, depois de ouvir uma frase de impacto dita pelo escritor, dr. Odorico chega a perder a fala, fazendo essas elucubrações reveladas pelo narrador: “Mais que nunca, pareceu-lhe humilhante o brilho do Otto Lara. E lamentou que um taquígrafo não andasse atrás dele, as vinte e quatro horas do dia, pago pelo Estado, para imortalizar-lhe as frases perfeitas, irretocáveis” (RODRIGUES, 1994, p. 132-133).

Na crônica “Os passarinhos milionários do Otto”, Nelson imagina o amigo como possuidor de uma Loja de Frases, um dos “maiores sucessos do Rio”:

Quando cheguei [...] a fila da Loja de Frases dava duas voltas no quarteirão. As frases estavam faturando horrores. Justamente, o meu irmão íntimo atendia uma senhora gorda. Ela, com gazes enroladas nas varizes das canelas, pedia, de mãos postas: – “Quero uma frase, professor Otto, para o batizado do meu filho”. A imprensa, nacional e estrangeira, tomava notas. O mago das frases, como já o chamam, andava de um lado para o outro. [...] De repente, explode: – “Já tenho a frase”. Silêncio atroz. O professor vira-se para a freguesa e diz-lhe: – “Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga”. Então a robusta senhora, em seu plástico e acrobático entusiasmo, teve arrancos triunfais de cachorro atropelado. (RODRIGUES, 1995a, p. 296)

O Otto da vida real negava que alguma vez tivesse dito sua frase mais famosa: “O mineiro só é solidário no câncer”, repetida *ad nauseam* na peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*, cujo enredo gira todo em torno dela. O próprio Nelson costumava dar versões variadas sobre o momento em que esse aforismo teria surgido. Em suas memórias (RODRIGUES, 1999e, p. 262), ele conta que a frase foi dita pela primeira vez no começo dos anos 1960, numa conversa informal durante uma viagem de carro realizada pelos dois amigos, de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro, com Otto ao volante. De repente, num improviso de gênio ou num rasgo de inspiração, o motorista pronuncia a frase que deixaria o dramaturgo atônito e seria mote para sua próxima peça. No entanto, na crônica “O mineiro solidário” (RODRIGUES,

1999d, p. 98), de 1963, Nelson conta que Otto a teria pronunciado num sarau de grã-finos, causando forte impressão na roda de admiradores a sua volta. Pouco depois ela “caiu na boca do povo”, sendo repetida em todo o Brasil, a ponto de dizerem que “a frase são as obras completas do escritor”. Na peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (RODRIGUES, 2003, p. 1031; 1034; 1035), o protagonista Edgard, enredando-se na corrupção de toda a sociedade a sua volta, estando a ponto de se vender em casamento para salvar a honra e a reputação de uma moça da alta sociedade, reconhece: “A frase do Otto é genial. [...] Tudo é a frase do Otto. [...] A frase do Otto é mais importante do que *Os sertões* de Euclides de Cunha. [...] A frase do Otto é mais importante do que todo o Machado de Assis!”.

Há duas questões em relação a essa frase. Em primeiro lugar, pouco importa se ela foi, de fato, dita pelo Otto Lara Resende da vida real. Quando pronunciada pelo Otto ficcional de Nelson Rodrigues, ou simplesmente atribuída a ele, o que importa não é a verdade, mas a verossimilhança, a coerência com a personalidade do escritor mineiro. Nisso a frase ajusta-se perfeitamente a ele. Em segundo lugar, qual seria o significado da frase, no que consistiria a potência expressiva que a tornava mais importante que obras clássicas da literatura e do pensamento brasileiro, que fazia com que ela justificasse as ações de tantas pessoas e reverberasse por todos os recantos do Brasil? Sempre que alguém a menciona, está em jogo o problema ético da necessidade de uma instância reguladora e judicativa da ação dos homens ao longo de sua existência. “O mineiro só é solidário no câncer” é uma variação de uma frase atribuída a Ivan Karamázov, personagem de Dostoiévski, autor que fascinava Nelson e era por ele citado com frequência: “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Parodiando as muitas frases acerca da personalidade do mineiro típico que circulam na cultura brasileira, acrescentando a essa paródia o conceito do escritor russo, o genial aforismo de Otto Lara Resende postula que, se não tivermos de prestar contas de nossos atos após a morte, enquanto estamos vivos todas as ignomínias estão justificadas. Assim, só nos comoveríamos com o sofrimento do outro, a ponto de solidarizar-nos com seu infortúnio, no limiar da morte. Conforme a frase de Otto, na luta por realizarmos nossas ambições num mundo sem Deus, nos confrontaríamos todos uns contra os outros numa espécie de vale-tudo. O mineiro em questão, como o protagonista Edgard explica em *Bonitinha, mas ordinária* (RODRIGUES, 2003, p. 995), é uma metonímia da humanidade: “Não é bem o mineiro. Ou não é só o mineiro. É o homem, o ser humano. Eu, o senhor ou qualquer um, só é solidário no câncer”.

Em meio a outros textos de Nelson Rodrigues, as frases de Otto se fazem presentes como manifestação de seu virtuosismo verbal e como suporte para os pensamentos do próprio Nelson. Na crônica “Robinson Crusóe sem radinho de pilha” (RODRIGUES, 1999c, p. 163), ao mencionar um texto de Alceu Amoroso Lima sobre os “crimes contra a inteligência”, Nelson Rodrigues, para criticar as ideias de Alceu, cita a frase de Otto segundo a qual “o único crime que merece fuzilamento é o erro de revisão”.

Nelson gostava de exagerar ao descrever o perfeccionismo estilístico do amigo na elaboração de suas frases, perfeccionismo esse que era real no Otto romancista, que retificava suas obras constantemente em busca da forma perfeita. Na crônica “Até o poente do Leblon é verba”, ele conta:

Mas, como eu ia dizendo, o Otto puxa um falso pigarro, alça a fronte e vem à boca de cena anunciar: – “Paisagem é verba”. Não pensem em improvisação. O Otto não diz um “oba” sem o premeditar laboriosamente. Sem o lapidar com fanática paciência e estremecido amor. Estimo que a frase referida custou-lhe uns seis meses de fino labor. (RODRIGUES, 1996, p. 203)

Sabedor da potência expressiva do escritor mineiro, seu público nos saraus da alta sociedade costumava instar para que ele produzisse frases de ocasião, sempre na expectativa de sua genialidade. É o que Nelson relata na crônica “Teatro assassinado”, sempre destacando a pose performática do frasista, bem como sua ironia corrosiva:

O Otto é a frase. Outro dia, num sarau de grã-finos, um decote pede-lhe uma frase. Mas tão genial, tão genial, que explicasse todo o mistério de nosso destino terreno e todo o mistério do nosso destino eterno. Simplesmente, a bela dama exigia do nosso Otto um lance de gênio. Mas ele não fugiu da raia. Limpou um imaginário pigarro, fez o *suspense* de uma pausa e largou a bomba. Eis o que disse: – DINHEIRO NÃO É CONTAGIOSO. (RODRIGUES, 1996, p. 282)

Em diversas outras ocasiões, a verve de Otto Lara Resende é exposta e analisada. Na crônica “Tudo já vai decaindo” (RODRIGUES, 1995a, p. 274), de 1973, no contexto da Guerra Fria, ele aparece dizendo que “a Rússia é o Piauí com mísseis”. Em “O palavrão humilhado” (RODRIGUES, 1995b, p. 27), expõe-se o comentário de Otto sugerindo que “o Brasil é o único país onde as feias são bonitas”. Em “Bochechas e papadas” (RODRIGUES, 1995a, p. 177), refletindo a obsessão contra a psicanálise cultivada por Nelson, Otto adverte que “não se deve mexer na alma”. No folhetim *Asfalto selvagem* (RODRIGUES, 1994, p. 549), Otto

já aparecera definindo o psicanalista como “uma comadre bem paga”. Neste romance, o protagonista dr. Odorico fica sempre embevecido ao ouvir outras tantas frases de Otto Lara Resende, que se caracterizam não apenas pela engenhosidade verbal empregada em sua construção, como também por sua aplicação prática aos problemas da vida. São frases como aquela em que Otto define sua postura ética ao declarar: “Não sou homem de ter uma opinião no bolso e outra na lapela” (p. 262); em que se define modestamente como escritor: “Sou o autor de muitos originais, e de nenhuma originalidade!” (p. 332); em que define, de maneira desabonadora, o continente onde viveu por vários anos e que conhecia bem: “A Europa é a burrice aparelhada de museus” (p. 210). Novamente essa frase espelha a visão de Nelson Rodrigues sobre o chamado “Velho Mundo”, em relação ao qual ele costumava ser muito crítico, em grande parte devido à subserviência da intelectualidade e da elite econômica brasileira em relação a tudo que é europeu.

As frases de Otto Lara Resende, como se viu, funcionam como desencadeadoras de crônicas ensaísticas e episódios ficcionais, funcionando como argumento de autoridade – já que o escritor mineiro é sempre apontado como um luminar da inteligência brasileira – a sustentar pontos de vista desenvolvidos por Nelson Rodrigues. Se elas são de fato coerentes com a *persona* criada para o Otto ficcional, em geral são ainda mais coerentes com as concepções de Nelson, que não se furtava a criar ele mesmo algumas dessas frases e atribuí-las a Otto.

3 Considerações finais

Otto Lara Resende, tal como se apresenta nas obras de Nelson Rodrigues, era uma figura ficcional e um recurso expressivo. O Otto da vida real jamais destruiu os próprios originais depois de ler um livro excelente de outro autor. Também é difícil imaginar que o Otto da vida real praticasse extravagâncias em reuniões da alta sociedade ou de círculos boêmios, como Nelson costumava relatar. E algumas frases que Otto pronuncia têm o DNA de Nelson. Pelo exagero de seu comportamento, das situações em que se envolve e das frases impactantes que diz, o Otto ficcional está sempre envolto numa atmosfera cômica. Além disso, sendo uma personalidade sempre tão fascinante, ele funcionava muitas vezes como solução para o problema da falta de assunto de um escritor que tinha de produzir seus textos todos os dias, seja escrevendo crônicas nas redações dos jornais para os quais trabalhou, seja criando o volumoso folhetim *Asfalto selvagem*, que se esticou por um ano e meio, publicado diariamente no jornal carioca

Última Hora, entre 1959 e 1960. Enfim, como se vê, Otto Lara Resende foi uma das mais fecundas obsessões de Nelson Rodrigues.

As reações do Otto da vida real em relação a seu congêneres ficcional sempre foram ambíguas. Se por um lado se irritava com a exposição de seu nome a ponto de se tornar até título de uma das peças do dramaturgo, por outro não fazia nada para que o amigo parasse de apresentá-lo como um gênio desperdiçado. Se se recusou a assistir à primeira montagem de *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*, muitos anos depois, no começo dos anos 1990, com Nelson já morto, foi assistir à peça incógnito e se divertiu imensamente. Se algumas histórias em torno de Otto são inventadas ou muito exageradas, ele nunca as desmentiu, se é que isso fosse necessário, uma vez que elas se situam claramente entre a realidade e a ficção, tendendo mais para esta última. Se algumas frases atribuídas a ele por Nelson não são de sua real autoria, Otto nunca fez nada para que elas não se colassem nele, de modo que tais frases estão hoje publicadas em coletâneas de aforismos do escritor mineiro, pois elas são muito coerentes com seu estilo e suas ideias.

Referências

CASTRO, R. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

MEDEIROS, B. *Otto Lara Resende: a poeira da glória*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

MONTAIGNE, M. *Ensaio*. São Paulo: Editora 34, 2016.

RESENDE, O. L. Nelson: hoje, ontem. In: *Bom dia para nascer*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 214-216.

RODRIGUES, N. *Asfalto selvagem: engraçadinha, seus amores e seus pecados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, N. *O reacionário: memórias e confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995a.

RODRIGUES, N. *A cabra vadia: novas confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b.

RODRIGUES, N. *O remador de Ben-Hur: confissões culturais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, N. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RODRIGUES, N. *A vida como ela é...: o homem fiel e outros contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a.

RODRIGUES, N. *A coroa de orquídeas e outros contos de A vida como ela é...* São Paulo: Companhia das Letras, 1999b.

RODRIGUES, N. *O óbvio ululante: primeiras confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999c.

RODRIGUES, N. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999d.

RODRIGUES, N. *A menina sem estrela: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999e.

RODRIGUES, N. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

RODRIGUES, N. *Jornal Painel: entrevista com Nelson Rodrigues*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=80XlM1yBt3c>. Acesso em: 6 ago. 2020.

Recebido em: 7 de julho de 2021.

Aprovado em: 3 de janeiro de 2022.